A AMAZÔNIA COMO ORGANISMO HARMÔNICO

Coleção Documentos da Amazônia Nº 7

Fac-similado

HANS BLUNTSHLI

Edições Governo do Amazonas

A Amazônia como Organismo Harmônico

(Fac-similado)

Hans Bluntshli

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 7

AmM
0107

A Amazônia como Organismo Harmônico

(Fac-similado)

Hans Bluntshli

"Farei um Governo que é a razão de ser da nossa luta(...) Aquele que promoverá o 3.º Ciclo e constituirá na sua esteira, se Deus quiser, uma verdadeira revolução cultural".

Amazonino Mendes
Governador do Estado

Edições Governo do Estado do Amazonas

NOSSO AMAZONAS
NOVO CAMINHO PARA O BRASIL

AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Governador do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador do Amazonas
Samuel Assayag Hanan

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária de Estado da Cultura e Turismo
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador das Edições
Antônio Auzier Ramos

Associação dos Amigos da Cultura
Saul Benchimol
Presidente
Max Carphentier
Diretor Executivo

A Amazônia como Organismo Harmônico

(Fac-similado)

Hans Bluntshli

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 7

Manaus
Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura e Turismo
1999

Copyright © 1999 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura e Turismo

Editor: Algenir Ferraz Suano da Silva

Capa: Tape Publicidade

FICHA CATOLOGRÁFICA

Elaborada pela Coordenação de Editoraçãoda UA

Bluntshli, Hans
A Amazônia como Organismo Harmônico / Hans Bluntshli (fac-similado) Manaus: Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, 1999.
45 p.: 22cm (Coleção Documentos da Amazônia, n. 7)

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2 CDU 981(811.31)

Apresentação

Há muitas publicações de interesse científico e literário que restam guardadas em poucas estantes e que, mesmo quando dadas a público, não obtiveram ampla circulação. A Coleção *Documentos da Amazônia*, em edição fac-similar, que o Governo do Estado do Amazonas através da Secretaria da Cultura e Turismo vem implementando em diversas frentes e formatos, tem o objetivo claro de vulgarizar estes estudos.

O presente título "*A Amazônia Como Organismo Harmônico*", escrito originalmente em língua alemã, como conferência proferida pelo cientista suíço Hans Blunstschli em 27 de fevereiro de 1918 na Alemanha, foi dado a público pela primeira vez na revista *Geographische Zeiischrifi* em 1921, e integrou a série de publicações do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia lançada por Djalma da Cunha Batista e coordenada pelo escritor Leandro Tocantins em 1964, quando aquele órgão ainda se valia da inteligência de Raul Antony, Mário Moraes, William Rodrigues e outros que pontificam na história da instituição.

Foi resultado de uma viagem de pesquisa que o professor de anatomia da Universidade de Berna, na Suíça, empreendeu à Amazônia e nele consta a análise que realizou como uma descrição sob o ponto de vista geográfico-ecológico em que resta ressaltado, com sabedoria hoje proclamada, que o "*homem é a medida de todas as coisas*", estabelecendo indicações de futuro, muitas das quais se confirmaram. É oportuno registrar o que indaga o escritor a certa altura de sua conferência: "*será que o homem reina na Amazônia, ou será que a terra governa o homem?*", concluindo por afirmar que "*a Amazônia é um país maravilhoso e harmônico que se aprende a compreender pela inteligêilcia e pelos sentimentos*" ressaltando a existência de outra Amazônia aquela que "*quer ser uma filial da cultura da Europa, mas parece mais ou menos uma caricatura*".

É preciso ler os estrangeiros de antanho que vieram, viram e falaram sobre a Amazônia para compreender fatos e situações com as quais nos depararmos nos dias que correm e mais, identificar o registro histórico de problemas os mais variados que ocupam as nossas preocupações neste tempo e para o futuro.

É assim que deve servir este estudo.

Robério Braga

F24
AM

CADERNOS DA AMAZONIA

1

A AMAZÔNIA COMO ORGANISMO HARMÔNICO

POR

HANS BLUNTSCHLI

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
MANAUS — AMAZONAS

HANS BLUNTSCHLI

A AMAZÔNIA COMO ORGANISMO HARMÔNICO

(Tradução do original em língua alemã pelo Prof. Harald Sioli, revista por Arthur Hehl Neiva e Nunes Pereira)

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZõNIA
(I N P A)

Rua Guilherme Moreira, 116 - Caixa Postal 478 - Telefone: 12-30

MANAUS - AMAZONAS - BRASIL

Diretor: DJALMA BATISTA

Divisões de Pesquisas:

1.º - Recursos Naturais - Diretor: RAUL A. ANTONY

2.º - Biologia - Diretor: M ÁRIO A. P. MORAES

3.º - Pesquisas Florestais - Diretor: WILLIAM A. RODRIGUES

Representação no Rio de Janeiro:

Av. Franklin Roosevelt, 39 - sala 804 - Tel.: 52-4856

APRESENTAÇÃO

O lançamento dos "Cadernos da Amazônia" obedece a uma imposição do Regimento do INPA, que manda "promover a publicação dos resultados de pesquisas, bem como memórias, monografias e ensaios, de interêsse científico ou tecnológico, preservados os interêsses da segurança nacional" (letra 1, do art. 2.º, do Regimento aprovado pelo Decreto n.º 35 133, de 1 de março de 1954).

Anteriormente, quando da profícua gestão de ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS, editou o Instituto trabalhos de FRANCIS RUELLAN, AGNELLO BITTENCOURT, GENESINO BRAGA, ERNESTO CRUZ, EIDORFE MOREIRA e SERAFIM DA SILVA NETO, que teriam sido, a rigor, os primeiros "Cadernos da Amazônia" se já estivesse então organizada uma coleção com êste nome.

Ao reiniciar a série de publicações, sente-se orgulhosa a atual diretoria do INPA de dar a conhecer ao público brasileiro a famosa conferência de HANS BLUNTSCHLI, médico suiço que percorreu a região há 50 anos, escrevendo trabalho de grande percuciência e ainda hoje de perfeita atualidade. Trata-se de um clássico da Amazônia, só acessível até agora aos que dominavam a língua alemã, publicado que foi na Geographische Zeitschrift, em 1921. Graças a HARALD SIOLI, foi localizado o trabalho e obtida autorização do autor (que logo depois veio a falecer) para a tradução, feita especialmente para esta edição do INPA.

Os "Cadernos da Amazônia" têm recebido, desde que foram idealizados, o incentivo permanente e valiosas sugestões do amazonólogo LEANDRO TOCANTINS, que recebeu o encargo de coordenar a impressão dos volumes.

A êste, outros títulos se seguirão, procurando revelar e interpretar a Amazônia, dentro do espírito em que o INPA foi criado, e destinado ao grande público.

A maioria das pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia não será divulgada, entretanto, por esta coleção. Pela sua condição, os resultados das mesmas

vêm aparecendo em revistas científicas nacionais e estrangeiras, e em outras publicações do próprio INPA, além de comunicados a congressos e reuniões, a fim de serem julgados e apreciados pelos pesquisadores das instituições congêneres.

Manaus, 1964.

DJALMA BATISTA

Título do original em lingua: alemã "DIE AMAZONASNIEDERUNG ALS HARMONISCHER ORGANISMUS", palestra proferida em 27 de fevereiro de 1918, no *Verein fuer Geographie und Statistik,* em Francfort sôbre o Meno, Alemanha, e publicada na *Geographische Zeitschriff,* 27.º ano, tomo 3/4, pp. 49-67, 1921.

INTRODUÇÃO

Neste ano de 1962 completam-se 50 anos que o Suíço Hans Bluntschli realizou uma viagem de pesquisas à Amazônia, principalmente à parte ocidental, peruana, viagem que se tornou de significação extraordinária para a compreensão da fisionomia e do valor desta imensa região da "hiléia". Não foram sòmente os resultados das investigações especiais, zoológicas, do sábio viajante, que asseguraram o valor duradouro da sua expedição; muito mais ainda são as impressões gerais do mesmo, o qual, por primeiro, notou, com os olhos despreconcebidos e a intuição segura de um observador genial, como neste país os fatôres que compõem a natureza, agem em conjunto e correspondem um ao outro, criando uma verdadeira unidade, da qual nem o homem amazônico é excluído.

Neste mesmo ano de 1962, no dia 18 de fevereiro, o Professor Dr. Hans Bluntsehli, catedrático emérito de Anatomia da Universidade de Berna, na Suíça, também completou 85 anos de existência.

Êstes dois jubileus foram o motivo aparente para o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, de Manaus-Amazonas, sob a diretoria dinâmica e compreensiva do Sr. Dr. Djalma Batista, mandar editar uma versão portuguêsa da publicação de Hans Bluntschli "Die Amazonasniederung als harminischer Organismus", que se tornou uma descrição já clássica da região, sob o ponto de vista geográfico-ecológico, e que não se limita à enumeração de fatos isolados mas procura, como alvo final - para usar as palavras de Hans Bluntsehli - "compreender o todo", "aprender a ver um país estranho como unidade orgânica, e entender o país e a vida dêle em si mesmo", "o reconhecimento da sua própria alma".

Foi com extrema. satisfação que aceitei o convite do meu prezado amigo Dr Djalma Batista, de me incumbir da tradução do original em língua alemã, para o português. Dezesseis anos de vida na Amazônia, aos quais pertencem os meus mais felizes, me ensinaram a amar essa terra generosa e a sua gente hospitaleira como uma verdadeira pátria de eleição, a que dediquei não sòmente o interêsse por alguns estudos

científicos, mas, ao mesmo tempo, o meu coração, que continua vivendo com as matas e os rios, alegrando-se e sofrendo com os seus habitantes, desde os índios e caboclos até à camada intelectual, e preocupando-se também com as transformações que a nossa época, da técnica moderna, está trazendo inevitàvelmente àquela natureza e à sua população humana.

Muito se fala hoje, nos países altamente "civilizados", quer dizer industrializados e superpopulados, de ajuda a países "subdesenvolvidos', aos quais, sob o ponto de vista puramente técnico e industrial, pertence também, sem dúvida, a Amazônia como zona afastada dos centros de progresso, isto é, do Brasil que está atualmente envolto numa fase de desenvolvimento vertiginoso. Quase sempre, na história da humanidade, especialmente da parte branca, européia ou descendente dela, certas formas de vida, tanto espirituais como materiais, que tiveram atraentes sucessos nas regiões e nos povos da sua origem, combinam-se com idéias pioneiras, tendendo a expandir-se por meio de propaganda benévola e até de fôrça brutal, se fôr possível, a todos os povos do mundo, para deixar também que êles participem da única felicidade imaginável! Assim acontece, do mesmíssinio modo, hoje em dia, com a nossa forma de vida, que se concentra na evolução da técnica mecanícista, da análise causal, e do bem-estar puramente material dos sêres humanos. Pouca gente reconhece que esta forma se criou e evoluiu, como fenômeno complexo, pela coação de condições do ambiente e de alguns espíritos do tipo *homo ludens* (sem se poder decidir qual dêstes dois fatôres era o primário e qual o secundário). Pois é certo que cada forma de vida representa um *optimum* sòmente sob certas condições do ambiente, e, sob diferentes, pode-se a mesma tornar um *peius* até um *pessimum*, e que ela não é necessàrianiente de igual utilidade para outras condições naturais e humanas. Resulta, pois, um perigo de tamanho imprevisível o querer-se exportar uma forma de vida do globo e a outros povos, sem tomar em condições do ambiente e as inerentes aos mesmos, ambas dadas pela natureza e pela história daquelas regiões.

Na nossa época da exportação de idéias e de "progressos materiais dos países, atualmente em moda, da Europa, da América do Norte e do bloco setentrional europeu-asiático, para o resto do mundo, a concepção de "Bluntschli de ver um país, com a sua natureza inorgânica, a sua vida vegetal e

animal e a sua população humana, como indivisível unidade orgânica e harmônica e até individual, nos pode ser um mestre e um guia fiel quando temos que enfrentar a tarefa de modificar o estado herdado e adaptá-lo às condições mundiais alteradas.

Dêste modo, a obra de Bluntschli é de especial significação para a Amazônia na situação presente. Bluntschli, como já foi dito, é o primeiro a reconhecer a ligação íntima da natureza não viva e do mundo de organismos, do ser vivo mais minúsculo até ao modo de viver dos homens.

Esta ligação harmônica, êle a demonstra, no início, nos fatôres inorgânicos: vento, planície e água, e, logo depois, naquilo que mal dá na vista: a floresta, que estimulou Alexander Von Humbold a denominar a nossa região com o têrmo "*Hylaea*". Então Bluntschli descreve os traços característicos do reino animal da Amazônia, e como êste é influenciado pelos fatôres anteriores. E, finalmente, êle dedica a última parte do seu estudo ao homem formado, no seu modo de viver e nos seus costumes, pelo ambiente especial amazônico. Pois para um verdadeiro cientista, o seu trabalho ganha o último valor sórnente quando relacionado ao homem. "O homem é a medida de tôdas as coisas" e a êle, tanto ao espírito como ao corpo, devem servir também os estudos do naturalista.

Algumas das observações de Bluntschli sôbre a vida dos homens na Amazônia, especialmente sôbre situações que êle castiga às vêzes com palavras veementes, são hoje ultrapassadas, pois tratava-se de fenômenos dependentes das circunstâncias daqueles decênios da época da borracha, a qual, como hoje todos nós sabemos, não era uma bênção para a terra e a gente amazônicas. Mas além de possuírem um valor histórico, essas revelações são justamente mais um exempla de como o homem, com o seu modo de viver, como os seus costumes e os seus ideais, estão condições do ambiente, valendo-nos de uma advertência para o futuro.

Em relação a outras coisas que Bluntschli previu no desenvolvimento das mesmas, nós sòmente podemos admirar com que exatidão o grande observador exergou os fatos e os problemas da Amazônia; pois muito daquilo que êle concluiu e recomendou para o futuro, já se cumpriu. É esta a melhor prova para a realidade daquilo que descreve da sua concepção geral.

Vamos guardar, na nossa mente e nos nossos corações, as últimas palavras com as quais Bluntschli, já há quase meio século, termina o seu relatório sôbre a Amazônia, como êle a viu, que a nova era de que agora já passou a fase da germinação, tem que seguir um caminho através da compreensão completa dêste país e do reconhecimento da sua própria alma e que o alvo não tem que ser outro senão o de um professor sapiente e de um educador compreensivo.

Bluntschli nos deu o melhor exemplo para tais qualidades. Não há momento mais oportuno para apresentar novamente as observações e as idéias do mesmo sôbre a natureza e o homem na Amazônia, do que o atual, no qual é eminente o perigo de transformar profundamente, pelos meios técnicos poderosos que o homem agora tem à sua disposição, èste país maravilhoso e harmônico, de raça e de vida próprias, sem conhecer as conseqüências que talvez sejam mais destruições irreparáveis do que benefícios permanentes para o homem amazônico e o Brasil.

A Amazônia, como poucas zonas do nosso planeta, possui as potenciabilidades e os requisitos para evolução futura de uma cultura humana, que corresponde às condições do ambiente, numa forma harmônica, e que sómente aumentaria a beleza variegada, das formas culturais, em vez de abafá-la por uma pintura monótona e cinzenta de uma civilização mecanicista e calculista. A tarefa do momento é a de estudar primeiramente êste ambiente e as relações entre os diversos fatôres que o compõem e fazem uma unidade singular, como Bluntschli comprendeu, antes de nêle tocar com dedos descautelosos. Que o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia continue no caminho de investigações dessa nossa amada região, que já tem uma tradição de fama mundial e digna da grandeza do Brasil, são os meus cordiais votos que acompanham a publicação da tradução da obra clássica de Hans Bluntschli!

Ploen (Alemanha), em 28 de março de 1962,
Instituto Hidrobiológico da Soc. Max Planck

HARALD SIOLI
Conisultor técnico do INPA

A imagem que mesmo o descritor o mais eloqüente é capaz de apresentar da fisionomia e do caráter de um país, longínquo e estra-nho, não depende sómente da riqueza dos objetos observados e do volume de conhecimentos que o mesmo recebeu durante a sua viagem, porém, igualmente, também da direção do espírito que o levou a se tornar observador, e da sensibilidade - para usar a expressão apropriada do benévolo explorador da África, Kandt - com a qual se aproximou do ambiente, nôvo para êle.

A completa falta de preconceitos com que o verdadeiro artista procura o belo, e a maneira ilimitada porque a sua alma entusiasmada sabe absorvê-lo, são neste assunto, quase sempre, estranhas ao naturalista. Apesar disso, êle deve trazer, dentro de si mesmo, um pouco do sentimento do artista, caso não queira ficar prêso às minúcias, mas compreender o magno e o harmônico que são, inerentes à unicidade orgânica da natureza, tanto na terra natal como na do país nôvo que, justamente, começa a se abrir ao viajante.

Não há um julgamento das coisas e dos fenômenos senão pela comparação. Por isso compreende-se fàcilmente que o naturalista, de-dicado mui especial e agudamente à comparação e à dedução, está, no início, sempre inclinado a ver as novidades tomando por molde aquilo que já conhece, e a dar o seu julgamento baseado tão só nessas premissas.

Porém, à medida que êle se aprofunda, inteirando-se de uma natureza estranha, tanto mais lhe sobe à consciência que é um grande perigo basear um julgamento geral em comparações que visam a singularidades. Nós nataturalistas, entretanto, nunca podemos desistir dêste pro ceder, pois não nos é dado um outro caminho para o reconhecimento senão o da observação e da conclusão. Acima disso devemos reter

na mente a idéia de que os alicerces dos nossos edifícios espirituais nunca podem ser bastante fortes e largos: que o nosso alvo final é a compreensão do *todo*, mesmo ensinando-nos os nossos caminhos a conhecer também a quantidade das minúcias e das singularidades. Podemos apresentar a verdade muito acertadamente, ao descrever um pais estranho muito vivamente, porém só compreendemos o mesmo por completo após ter aprendido a vê-lo como unicidade orgânica, concebendo o país e a vida do mesmo como uma autonomia.

Quando viajei, no ano de 1912, ao Amazonas, e procurei o país das florestas virgens sem fim e dos rios gigantescos, então assim o fiz por causa de certas tarefas de pesquisas zoológicas. Assentara o plano de viagem segundo as suas necessidades e foram tais pesquisas que dirigiram a execução. Por causa delas fui subindo o grande rio quase até os Andes; em busca da solução das mesmas procurei, durante meses, a selva das florestas calmas, solitárias e afastadas dos homens, preparei o meu agasalho noturno, na rêde ventilada, em baixo de tapirís construidos pela própria mão, fui caçando com índios côr de cobre, sentindo-me feliz e sofrendo com êles. Como cada grande experiência da vida faz tornar-se menos importante para o futuro, o que antes se considerara essencial e decisivo, ou faz enxergar o mesmo sob outro àngulo de aspecto, da mesma forma confirmou-se também para mim a antiga experiência.

Os primitivos alvos finais tornaram-se tarefas parciais, e, superior ao resultado das pesquisas especiais, ficou a experiência da grandeza uniforme duma natureza autóctone e generosa, representando a mesma *um organismo harmônico com vida própria, nitidamente estampada.* A quem leu as descrições magistrais da viagem de Humboldt às regiões equinoxiais do nôvo continente - um livro que até hoje retrata acertadamente o caráter da Amazônia - não direi coisa inesperada, confessando que somente longe das influências do mundo civilizado, o qual exagera tantos fenômenos através de olhos prevenidos, foi que se me abriu à consciência de *como* são fortes os fatôres naturais que influenciam cada vida na terra, como êles criam as condições dentro das quais a vida pode desdobrar-se, e como êles assentam os limites que ela não consegue ultrapassar. Quanto. mais lúcidamente aprendi a enxergar, tanto mais se aprofundou em mim esta impressão.

Problemas de caráter geral de mim se aproximaram, e, ao persegui-los, consegui entender que a compreensão mais

profunda da natureza não nasce da sabedoria de uma ciência especializada, seja ela Zoologia ou Botânica, Geografia ou Antropologia, mas que a mesma começa sómente naquele ponto no qual sabemos olhar para além da moldura dos nossos conhecimentos especiais. Mais Ucilmente do que no nosso ambiente [(europeu)] complexo no qual, há milhares de anos, a arbitrariedade do homem apagou muitas correlações naturais, aniquilou vida outrora existente e introduziu outra que lhe é sujeita, acontece que é numa região *vasta, uniforme, escassa em população humana e essencialmente intata no seu caráter,* como é a Amazônia, que se pode compreender a interdependência concreta entre a natureza inanimada e o seu mundo orgânico.

Muitas coisas, aqui, são mais simples, dando mais na vista; sómente numa observação superficial acontece que a quantidade das minúcias não deixa perceber a univocidade distintamente dirigida e autóctone a qual, aliás, não significa nenhuma uniformidade, justamente porque tudo, o inanimado como a vida, se liga harmoniosamente. Sente-se mesmo que um certo equilíbrio das fôrças, que a terra, as águas e o ar, de um lado, e a vida das plantas e dos animais, doutro lado, se condicionam intimamente e dependem mútuamente um do outro no mais alto grau.

Quando advém ainda a compreensão que o existente é inteligível sómente como resultado dum processo histórico, e quando se vê, no presente, já o procedimento dum futuro transformador, então pode-se observar o poder imperativamente coator daquelas relações íntimas das quais até o próprio homem, jamais, se pode excluir, mesmo parecendo, ocasionalmente, a nós - gente da civilização dos países bem desenvolvidos com a enorme complexidade das suas condições determinantes - como se nós déssemos aos países o seu caráter.

Para o quadro geográfico total, das planícies tropicais úmidas e cobertas de floresta, na América do Sul setentrional, Alexander Von Humboldt criou o conceito da *Hiléia,* da região florestal uniforme. A floresta pareceu ao mesmo, efetiva, o que há de mais notável, e, de fato, ela, na sua grandeza imensurável e na sua exuberância de vida, na sua impenetrabilidade e na sua romântica semi-escuridão, dá ao estranho a primeira e a mais profunda impressão. Mas a ela juntam-se outros fenômenos, igualmente importantes, que são indispensáveis para a compreensão da Hiléia.

O viajante que foi trazido em navios a vapor, vindos do mar, pelo rio Amazonas acima, durante diversas semanas, em direção ao oeste, enquanto os olhos quase não exergaram. outra coisa senão as orlas de floresta à direita e à esquerda, o viajante que deixou deslizar, ao seu lado, as volumosíssimas águas dos rios gigantescos, e que viu as mesmas atravessarem também as florestas, que avistou os inúmeros pântanos e lagoas ocultos nas profundezas da mata, junto com a impressão da floresta virgem amazônica, ganha, também *da imensa planície e das colossais massas d'água.*

E por sôbre a vastíssima baixada passam desimpedidamente os ventos oceânicos, edificando montanhas majestosas de nuvens e irrigando, dia por dia, as zonas florestais que se embebem, como uma esponja umedecida, do líquido celeste e, depois, conduzem-no aos rios através de inúmeros ijarapés. Então revela-se à consciência que *vento e planície, floresta e água* agem intimamente ligados, e compreende-se que, na Amazônia, tudo deve estar sob a sua influência, do ser vivo o mais diminuto até o modo de viver do homem.

O ciclo da água, vinda do mar pelos ares à terra coberta de floresta e voltando da floresta pela planície fluvial ao mar eterno, êste é o grande momento que domina a imagem da Amazônia, a sua vida e o seu caráter. Talvez não haja nenhum outro lugar na terra no qual a fôrça poderosa do ciclo da água se apresente, diante da visão mental do homem, com tanta clareza e evidência. Na Amazônia, não há qualquer coisa morta ou viva que não possa testemunhar do mesmo. E, no lusco-fusco da exuberante floresta tropical, na qual, nas margens das águas quietas e calmamente fluentes, os olhos, além da linha estreita do firmamento, acima do rio, não conseguem ver mais longe do que o ambiente mais próximo, desvenda-se ao observador o sentimento consciente da grandeza eterna e do poder majestoso do mar que causa e condiciona tudo, e é a fonte primitiva da vida. Do mar, afinal, originam-se também aquêles sêres que hoje povoam a terra e o ar; sua influência é a condição perpétua no medrar desta vida que dêle se alheiou.

Para começar, queremos fixar a moldura dentro da qual se processa a vida da Amazônia. Aí, as relações, agora reconhecidas, conduzem-nos primeiramente às *condições climáticas* e às variações das estações do ano. A planície amazônica é caracterizada por um clima claramente oceânico, com quantidades de precipitações pluviais muito grandes e com

temperaturas muito constantes. Com exceção das zonas limítrofes, as médias mensal e anual da temperatura diária são sempre ao redor de 25°C, diferindo as oscilações peculiares em sómente poucos graus abaixo ou acima dêste número.

Também as noites são sòmente, mui fracamente, mais frescas do que os dias, pois o denso entrelaçamento da rica vegetação, cobrindo quase cada pedaço de terra com floresta, retém uma camada de ar apenas pouco movimentada, e, durante o dia, nenhuma irradiação de calor, partindo de terra nua, se faz sentir. Temperaturas abaixo de 20°C e acima de 30°C já são raridades notáveis. Eu mesmo senti uma queda da temperatura para 17°C com o mesmo incômodo da sensação do frio que nos dá uma variação brusca do tempo nos Alpes, quando cai neve nova nos cumes das montanhas; e um calor máximo de 32°C provoca, por causa do teor alto do ar em umidade, sensações muito mais sufocantes e debilitantes do que, na Europa, o igual bochôrno de um dia muito quente de verão.

Como é geral nos trópicos, a mudança das estações anuais é designada, também na Amazônia, pelos têmos de *estação chuvosa e estação sêca*. Mas êstes nomes quase que não são capazes de dar verdadeiras idéias. A estação de chuva seria melhor caracterizada como um período de dilúvio, e a estação sêca coincide, na região do curso inferior do Amazonas, no máximo com uma estiagem temporàriamente perceptível. Já no curso médio, semanas sem chuva são muito raras, e mais perto da Cordilheira dos Andes, também durante a estação sêca, não se passa quase nenhum dia sem que haja pelo menos algumas chuvas de curta duração, muitas vêzes, porém, de caráter torrencial.

Sendo o comprimento dos dias e das noites quase exatamente constante pelo ano inteiro, são, no fundo, sómente as oscilações na intensidade do ciclo da água que proporcionam a mudança das estações anuais. No Período seco, são ventos orientais, fortes e contínuos, que trazem a sua carga de água de água por sôbre a planície, para fazê-la cair sucessivamente nas florestas. Entretanto, quanto mais nos aproximamos da Cordilheira, tanto mais fortes ficam as precipitações.

Quando os ventos orientais se tornam mais fracos e mais irregulares, então é que também no baixo Amazonas começa a estação chuvosa. Ela perdura, no Pará, com interrupções menores e irregulares, mais ou menos de fins de dezembro até fins de maio. No Departamento de Loreto, porém, na

Amazônia peruana, quase 3/4 do ano (mais ou menos de outubro até fins de junho) podem ser considerados como estação pluvial.

Uma observação mais minuciosa revela diferenças além destas que são fundamentais nas partes superior e inferior da baixada, e de outras de natureza mais local - entre as regiões setentrional e meridional da bacia do rio principal. Desta maneira acontece que, por exemplo, no Rio Negro podem reinar aquela umidade gotejante e um ar de estufa, nublado, da estação chuvosa, enquanto que, ao mesmo tempo, nas florestas no Rio Purus brilha o céu azul e sómente curtas chuvas de trovoadas interrompem o quadro ensolarado. Um mês mais tarde, entretanto, é possível que as condições, aqui e acolá, sejam talvez justamente inversas. Em ambos os casos, o rio principal conduzirá muita água e, no seu curso inferior, alagará ainda as florestas apesar do período das precipitações mais rarefeitas já ter começado há tempo[1].

A Amazônia possui, de fato, limites naturais bem distintos sómente a leste e a oeste. Ali é o Atlântico azul, aqui a Cordilheira Oriental pela qual, no precipício do Pongo de Manseriche, o rio de montanha Marañon, em sòmente 180m sôbre o nível do mar, irrompe para dentro da vasta planície, para correr agora, num curso de mais de 4.000 quilômetros de extensão (na linha reta, com cêrca de 3.500km, correspondendo mais ou menos à distância de Madri a Moscou) quase que puramente em direção ao nascente. O seu declive, neste trecho, é tão pequeno que atinge sómente a cêrca de um doze avos do declive do Reno entre Basiléia e Mogúncia.

Esclarece-se, desta forma, que, na Amazônia tão enormemente rica em chuva, êste gigante entre os rios do mundo parece muitas vêzes mais um lago entremeado de numerosas ilhas do que um rio enfurecido. Não é gratuitamente que, no trecho do extenso funil da sua embocadura, êle tem, entre os nativos, o nome de "Rio Mar". Ali não se avista nenhuma das margens, e, com ventos fortes, os navios transatlânticos dançam nas àguas túrbidas, côr de barro, como se fôsse nas ondas de um mar tempestuoso.

Já a pequena distância a leste das Cordilheiras ocorrem trechos do rio com uma largura de um quilômetro, mas são sòmente poucos os lugares nos quais se pode falar de *um só* rio; na maioria dos casos há dois, três ou mais braços que correm lado a lado dos outros, e entre êles elevam-se ilhas,

[1] C. Schichtel, "Der Amazonenstrom" Strassburg 1893.

cobertas de floresta, e, durante as águas baixas, de permeio, bancos nus de areia, espalhados. Um sem-número de curvas e voltas, e numerosos baixios: dificultam às vêzes a navegação. As margens são quase sempre planas, a floresta toca diretamente o rio e submerge no mesmo, durante a enchente, em extensos trechos. Então o rio torna-se sem margens. Em outros lugares são beiras íngremes, barrancos nus, talhados a pique, que aparecem à vista; raramente êles se elevam a mais de 10, 12 ou 20 metros, e mais raramente ainda se avistam na distância cadeias de montanhas baixas e cobertas de floresta. Partindo das Cordilheiras até à bôca do Rio Negro quase que não se percebe uma colina; sórnente abaixo de Manaus observam-se aqui e acolá cadeias baixas e planas, sendo as mais altas as serras ("mesas") ao norte do rio entre Obidos e Almeirim. São os contrafortes mais avançados da antiga terra montanhosa das Guianas. Mas também elas desaparecem por completo na imagem geral do cenário.

Apesar do declive diminuto, a *correnteza*, no rio principal e nos seus tributários maiores, é notàvelmente grande. Mesmo os navios transatlânticos não necessitam, para a viagem de descida, nem a têrça parte do tempo necessário para a subida. A razão disso consiste nas enormes massas de água que constantemente estão se empurrando de atrás e dos lados, saindo dos mais de 200 afluentes - dos quais não menos de 17 ultrapassam, alguns de várias vêzes, o comprimento do Reno - e dos inúmeros igarapés menores e de pântanos. Velozmente as águas enchem depois de chuvas superabundantes. Então, de todos os lados, as águas turvas irrompem de simples córregos e igarapés que estão em conexão com os inúmeros igapós e lagos, e, no decorrer de poucas horas, niesmo rios bem possantes podem subir alguns metros. Tais acontecimentos surgem às vêzes inesperadamente, dependendo êles não sómente da quantidade das precipitações no *hinterland* mas aparecendo também quando um forte represamento na bacia se faz sentir.

Enquanto, na Europa, a terra quase sempre se eleva dos lados dos rios, na Amazônia acontece, em muitos lugares, justamente o contrário. As margens que acompanham os rios, especialmente os pequenos, são muitas vêzes e em longos trechos bastante mais altas do que a terra para o interior, e muitas vêzes se faz a experiência de que, quanto mais nos afastamos do rio para dentro das floresta, tanto mais baixo e mais encharcado se torna o chão. Por isso, não conhece a região, quem a avistou sòmente de bordo de um navio, ou

quem faz idéias incompletas, por meio dos mapas, muitas vêzes ainda deficientes, dos inúmeros laguinhos, charcos e lagos, das incontáveis voltas dos rios e das relações hidrográficas existentes entre as distintas zonas potâmicas[2]. Pois quase cada tributário do Amazonas desemboca através de diversos braços, muitas vêzes fortemente divergentes, cujo perfil se transforma sem estôrvo, de ano para ano, ali destruindo terra, levando-a, aqui amontoando bancos migratórios de areia que obstróem, com o tempo, antigos caminhos.

Sendo as montanhas quase completamente ausentes na Amazônia, uma *articulação altimétrica* necessita, ali, de outros pontos de vista do que nos nossos países na Europa. Temos que pensar já nas áreas cheias de diques na nossa região costeira a fim de compreender a distinção dos degraus hipsométricos que os habitantes da Amazônia caracterizam pelas denominações de igapó, várzea e terra firme[3] Chamam de *igapó* aquêle terreno que representa terra sómente durante as águas baixas, sendo já encharcado com o nível médio das águas. É formado, em parte, por bancos de areia recentemente criados e, então, privado de vegetação, em parte por pequenos campos de juncos com arbustos palustres, entremeados, em parte por floresta rala de pântano com uma altura relativamente pequena das árvores, que muitas vêzes diversas plantas trepadeiras tornam espessamente brenhosa.

O segundo degrau hipsométrico é a *várzea*. Esta zona representa um chão sêco durante a estação boa, mas fica sucessivamente alagada no período chuvoso. Uma observação mais minuciosa deixa, por sua vez, perceber muitas vêzes sub-degraus especiais desta formação. O degrau inferior comporta um silvado denso e lenhoso, e arbustos dentro de um mato baixo, ainda mais ou menos ralo. Isojadamente já ocorrem aqui distintos gigantes arbóreos, mas êstes "solitários' tornam-se realmente típicos sòmente no sub-degrau médio. Êste carrega uma floresta mais alta, rica especialmente em palmeiras, mas contém ainda bastante sub-mata.

Finalmente, a várzea mais alta é aquêle terreno que sòmente em anos anormalmente chuvosos fica ainda inundado. A floresta da mesma passa para a da *terra firme*. Esta floresta mostra um crescimento gigantesco das árvores, com caráter majestoso e lembra, se fôr possível, as nossas florestas

---

[2]Uma apresentação excelente de uma zona limitada da Pianície amazônica (trecho entre Faro e Alenquer) é dado por P. Le Cointe, "Le Bas Arnazone", *Annales de Géographie*, t. XII 1903.

[3]*Cf.* Keller-Leuzinger. *Vom Amazonas und Madeira* (Stuttgart, 1874) e Pr. Katzer, *Grundzuege der Geologie des unteren Amazonasgebietes* (Leipzig, 1903).

altas, porém ultrapassando-as de longe na altura dos colossos das árvores e na multiplicidadé das espécies. Na floresta da terra firme, a gente caminha, em cada período do ano, por sôbre chão sólido. Ali, o avanço na marcha é mais fácil do que na várzea, pois uma sub-mata verdadeira é ausente quase que por completo, porém ainda bastante dificultoso quando enormes sapopernas dos grandes troncos ou quando árvores caídas e apodrecidas impedem o caminho.

Em certos lugares - nem tôdas as regiões potamográficas são absolutamente iguais neste sentido - todos os três degraus hipsométricos podem-se encontrar fàcilmente, seguindo-se um atrás do outro. O degrau do igapó, aliás, é muitas vêzes suprimido, e em grandes trechos, não raramente em extensões de centenas de quilômetros, a terra firme falta por completo ou é representada por pequenas elevações insignificantes nas quais os animais terrestres se ajuntam durante o período do máximo da enchente. São estas as "restingas" nas quais então reina uma vida animal que lembra a arca de Noé. Ali os indígenas conseguem matar as cotias e os caititús a pauladas, e é uma felicidade, pois aquêle período da cheia alta é tão inóspito e incômodo também para os homens que, então, sómente poucos dêles suportam ainda viver nas matas encharcadas.

O regime d'água influencia, pois, no maior grau, as condições da vida animal e humana na Amazônia. A variação dêsse regime manifesta-se na diferença entre o nível das águas baixas é o das águas altas. Esta, em quase todos os lugares, atinge a muitos metros. Em Iquitos, na província amazônica peruana de Loreto, que está situada sôbre o rio principal, determinamo-la como sendo de 9 metros; no baixo Rio Purus foi determinada por outros autores 4 como sendo de 20 metros. É de 15 a 16 metros no Rio Madeira; em Manaus no Rio Negro de 10 metros, mais ou menos idêntica à do ponto onde o Amazonas se alarga para formar o funil da sua foz.

Trata-se, portanto, de massas d'água das quais nós quase não nos podemos fazer idéia correta, já que o mencionado funil da foz, na sua abertura para o mar, tem uma largura de cêrca de 200 quilômetros. E, mais ainda, esta embocadura do Amazonas entre a Guiana Brasileira e a grande Ilha de Marajó, a qual tem um tamanho mais ou menos igual à Suíça, não é a única. Ao sul de Marajó, o Rio Tocantins por sua vez com uma largura da bôca de 40 quilômetros, lança-se, ao

[4]Cf. Schichtel, l. c.

mar, e, ao oeste de Marajó, são partes não negligenciáveis da água do Amazonas que demandam o funil do Tocantins através dos canais dos Estreitos de Breves, numerosos, multiplamente ramificados e muitas vêzes bastante apertados, onde os navios passam tão próximo à beira que, do convés, se podem apanhar os galhos das árvores.

A não ser a zona dos limites, periférica, e as poucas exceções no baixo Amazonas onde ocorrem cadeias de montanhas, a Amazônia é uma região aluvional. Camadas predominantemente amareladas e avermelhadas de areia finíssima de quartzo, e depósitos de argilas cinzento-marron até esverdeadas, mas nenhuma rocha e nenhuma pedra, seja ela sómente do tamanho de um seixo rolado, encontram-se onde, nas beiras do rio, aparece o solo nu. Em sómente poucos lugares é possível distinguir entre sedimentos diluviais e aluviais. As camadas são, em quase tôda parte, extremamente pobres em fósseis, e lá, onde elas contém tais fósseis, deve-se sempre pensar na possibilidade de depósitos secundários ou terciários, pois ainda hoje ocorrem sedimentações e superposições de camadas na maior escala.

Ajuizar a história geológica da Amazônia é, por êstes fatos, bastante difícil. Encontramo-nos sómente no inicio do seu reconhecimento. É certo apenas que a Amazônia - deixando de lado o limite oriental que deve figurar como a parte mais antiga, apesar de se fazer o escoamento justamente ali - deve-se chamar, na língua dos geólogos, um país relativamente nôvo. Nas eras primária e secundária ela era, grosso-modo, fundo do mar. Já no paleozóico uma serrania alta, muito antiga, circundava, em forma de arco, uma depressão larga e funda, aberta para o poente, em cujas margens se quebravam as águas do Oceano Pacífico. Em seu lugar estende-se hoje a planície amazônica. Daquela cadeia de montanhas, porém, persistem ainda restos no planalto do Brasil Central e nas serras das Guianas.

Quando, durante a era terciária, a cordilheira andina começou a se dobrar e a se levantar do fundo do mar a uma altura vertiginosa, aquêle gôlfo largo do mar fechou-se paulatinamente para o oeste. Transformava-se êle num mar interno e lentamente, num grande lago de água doce cujo escoamento para o leste se tornou possível depois de ter sido erodido especialmente em sua parte média, ao longo de milênios incontáveis, o arco da serrania ocidental.

A hipótese agora apresentada pelo geólogo austríaco Katzer[5], que pesquisou no Amazonas durante muitos anos, encontra um valioso apoio nos fatos geográficos. Nos tributários laterais do Amazonas inferior, a navegação franca, partindo do rio principal, é viável sòmente em trechos relativamente curtos e é impedida logo pelas primeiras corredeiras. Isto se aplica tanto aos grandes rios meridionais (Tocantins, Xingú, Tapajós) como aos afluentes setentrionais, que são menores (Parú, Trombetas, Nhamundá). Esta é a região onde cadeias de colinas se aproximam do Amazonas pelo norte e pelo sul.

A situação é completamente diferente a oeste da foz do Rio Madeira. Ali, a planície amazônica forma uma bacia enormemente larga que não possui elevações, e os afluentes do Amazonas ficam navegáveis, mesmo para navios maiores, em muitas centenas de quilômetros em direções tanto para o norte como para o sul. Mas também o zoólogo pode apoiar a hipótese de Katzer com fatos importantes. De modo completamente inesperado aparecem, nas águas da planície amazônica ocidental, formas que alhures conhecemos sòmente do mar. Numerosas arraias povoam os rios, e além delas há, especialmente entre os peixes, diversos representantes que devem ser designados como sobreviventes duma fauna marinha.

O grande lago amazônico terciário, ao qual hoje corresponde a larga bacia plana entre os Andes e o Rio Madeira, deve ter recebido das montanhas orientais primevas bem como da Cordilheira, numerosos rios que aí depositaram os seus alúvios, que o colmataram. Talvez, possuísse, temporàriamente, um escoamento para o mar dos Caraíbas (das Antilhas). Porém, não se encontrando mais hoje seixos rolados em lugar algum, mas sómente areias finas, argila e lodo, pressupõe êste fato que o transporte do material sôlto se fêz a longas distâncias e sob múltipla redeposição. Não há grãozinho de areia que não tivesse trocado o seu lugar de deposição por diversas vêzes. Justamente para êste fenômeno é que no presente temos os melhores testemunhos.

Em escala magnífica processa-se, ininterruptamente, uma constante remoção da terra e uma *reconstituição* em outros lugares. A correnteza dos rios também na enchente não é tão forte como nos nossos rios, sendo a atividade erosiva, especialmente para o fundo, por isso relativamente diminuta.

---

[5]Katzer, *Grundzuege der Geologie des unteren Amazonas-.gebietes.* Leipsig. 1903.

Tanto maior, entretanto, é sua ação lateral, e aqui se relaciona por sua vez com a alternância periódicamente ocorrente de um nível alto da enchente e um nível da vasante muito baixo. Quando as águas estão vasando, então, já as esteiras de um navio em andamento são capazes de provocar ali e acolá, queda de barreiras nos barrancos. Árvores; marginais de alto porte caem para dentro das águas e arrastam, com as suas raizes, massas de terra.

Em tôda parte, estas "terras caídas" representam um papel vivo nas conversas da gente ribeirinha. Não são poucos dêles que perderam um parente que remou a canoa perto da beira e de súbito ficou soterrado por pedaços das margens que caíram ou que foi abatido pela galhada de árvores caídas. Todos os barrancos nus que se avistam de um navio, fizeram-se por quebradas das beiras, e a terra escura ou, muitas vêzes, as areias côr de laterita que desta maneira entraram na água, são a fonte das turvações dêstes rios as quais fazem parecer muitos dêles quase como correntes de barro.

Quantidades ricas de material vegetal em decomposição, existentes nas regiões de cabeceiras, teôres diferentes em material minerológico dissolvido pelo qual as substâncias orgânicas ora ficam em solução ora são precipitadas, são mais razões para as diferenças notáveis nas colorações dos diversos rios. A diferenciação entre rios de água preta e rios de água branca[6] expressa sórnente as diferenças as mais grosseiras. As águas do Rio Negro são, de fato, tão pretas como pixe líquido, e onde elas se misturam com a água túrbida, barrenta do Amazonas, aparecem os mesmos fenômenos de côres como quando se adiciona leite ao nosso café preto. Os chamados rios de água branca quase nunca são sequer mais ou menos transparentes, e varia a sua côr turva, conforme as quantidades das suspensões, entre um amarelo delicado ou um verde até à côr de chocolate. E cada um dos rios mostra ainda uma certa mudança na sua coloração com as estações do ano - como igualmente os nossoa rios deixam perceber também.

Todos êstes rios amazônicos carregam enormes massas de substâncias em suspensão. Não penso aqui nos troncos bubuiantes de árvores que se avistam dos navios, e nas ilhas flutuantes juncosas (trechos marginais arrancados que podem conservar a sua existência ainda por muito tempo e que, então, ainda com árvores altamente erguidas, são arrastados

---

[6]J. Reindl, "Die schwarzen Fluesse Suedamerikas", *Muenchner geographische Studien* 1903.

para o mar), mas nos numerosos pequenos grãos de areia e partículas suspensas de barro que causam a própria turvação da água.

No baixo Amazonas, entre Manaus e os Estreitos de Breves, há um lugar onde quase tôda a água do Amazonas se desloca dentro de um só leito. É a garganta de óbidos, situada pouco abaixo da larga bacia ocidental do Amazonas, e aqui o rio tem 1900m de largura e 80 a 100m de profundidade. A velocidade da correnteza é, na média, de 7 quilômetros, por hora. Cada minuto passam aqui de 4 a 12 milhões de metros cúbicos de água[7], conforme haja vasante ou enchente.

Segundo amostras tiradas, a quantidade do material fino em suspensão e das substâncias dispersas, que são contidas na água, foi calculada em cêrca de 620 milhões de toneladas por ano. Na própria foz do Amazonas, Katzer avalia, em conseqüência, a matéria fina em suspensão em 1000 milhões de toneladas anuais. Traduzindo a uma escala mais acostumada, êste número significa cêrca de 9.000 trens ferroviários por dia, cada um com 30 vagões de 10 toneladas cada, cuja carga é transportada ao mar[8].

Deslocado, por uma corrente oceânica, em direção ao norte, êste material de desgaste da Amazônia concorre para tornar sempre mais rasas as águas costeiras da Guiana. Porém, Infinitamente maior do que o levado aqui para o mar, é a quantidade de solo amazônico sedimentado dentro do próprio país. Correspondente à grande erosão lateral, depositam-se, durante a época sêca, muitas vêzes bancos de areia que se elevam com o progresso da enchente ou são carreados para mais adiante, e, durante o auge da enchente, deposita-se, nas zonas encharcadas e na floresta inundada, extensamente, uma vasa marron que, com a água vasante, faz o pé do caçador atolar-se numa lama pegajosa, até que a mesma fica outra vez coberta por uma camada de folhagem, da mesma forma como a vasa se acamou por cima delas densas e em estado de decomposição, isolando-as do contato com o ar. Êste processo repete-se após cada período de enchente, e onde se tem a oportunidade de observar, em cortes do terreno, perfis de tais solos florestais, ganha-se a noção de que aqui deverão formar-se, no decorrer dos séculos, jazidas de linhito da maior extensão.

---

[7]Le Cointe, *l. c.*

[8]Êste exemplo é citado de Katzer, *l. c.*, pág. 46.

As camadas mais profundas já não apresentam mais nenhum folhamento nítido e estão a ponto de se tornarem compactas; as camadas superiores de folhagem permitem facilmente a comprovação da sua origem, e entre as mesmas sucedem-se camadas finas, argilosas e arenosas, provenientes daquelas deposições nos períodos de inundação. Desta maneira eleva-se aqui, vagarosa mas constantemente, a terra, pela acumulação de material inorgânico e orgânico, cujo desgaste é demonstrável em muitos lugares nas margens dos cursos d'água.

Depois de termos conhecido o caráter da região amazônica e as suas condições naturais, vamos agora considerar a sua *vida*, da qual já dissemos acima ser condicionada no mais alto grau pelos fatôres externos. Sòmente de passagem queremos salientar o que é mais importante da *flora e de fauna*, que tornam a Amazônia a terra da promissão para o biólogo. Não é necessário, como nas nossas latitudes, acentuar regiões menores de um habitus especial, mas apontamos logo a *notável uniformidade* do tipo da flora e da fauna para tôda a Amazônia.

Sómente o ôlho mais treinado reconhece diferenças que ocorrem em partes distintas da planície do Amazonas. A maioria das plantas e dos animais superiores é distribuída em espécies iguais ou bem aparentadas através de tôda a Amazônia, e sórnente para os habitantes da terra firme deixa-se realmente demonstrar uma diferenciação específica das mesmas, de modo que regiões situadas entre rios grandes, podem valer, em sentido restrito, como ilhas terrestres nas quais a vida, no decurso dos tempos, desenvolveu-se numa certa unilateralidade porque as barreiras constituídas pelos rios impediram a sua expansão.

A riqueza das formas na *vegetação* tropical da Amazônia faz com que o conhecimento floristico do naturalista, não especializado em botânica, falhe rapidamente. A grandeza infinita da mata densa e sufocante. Uma impressão angustiante permanece apesar dos inúmeros aspectos singulares, maravilhosos e variegados. Na bacia amazônica ocidental, lugares não florestados, chamados regiões de campos, são muito raros e parecem existir sòmente, onde o povoamento humano fêz recuar a floresta pela ação do fogo. Aqui, é sòmente em direção a Mato Grosso, à Colômbia e ao Equador que se encontram campos naturais na periferia da Amazônia. Tais campos ocorrem, agora, também no baixo Amazonas.

Da Ilha de Marajó, a metade oriental consiste, em campinas; outros campos avistam-se do rio entre os Estreitos de Breves e Manaus. Povoações humanas iniciaram aqui uma primitiva criação de gado. Não posso me defender da impressão de que também êstes campos são feitos artificialmente pelo homem, e, em quase tôda parte, começou um reflorestamento partindo das beiras d'água[9]. Como floresta de galeria, às vêzes mais estreita, às vêzes mais larga, ela rodeia os campos periódicamente alagados durante a enchente, e, até bastante acima dos Estreitos de Breves, ela mostra, na beira d'água, muitas vêzes, o tipo de mangue e um marco nítido da maré cheia; pois a alternação de baixa-mar e pré-amar deixa-se reconhecer diàriamente tão longe para o interior das terras.

Deixando de lado, porém, as regiões limitadas de campos, reinam em tôda parte as *associações florísticas típicas do igapó, da várzea e da terra firme*. O caçador usa a canoa para ir à sua caça no mato. Através de tapêtes flutantes de lentilhas d'água os índios empurram a sua canoa; talvez êles atravessem uma lagoa na qual as fôlhas gigantescas da *Vitória regia* cobrem a superfície d'água quase por completo. Depois procura-se um lugar raso na beira para encostar. Atravessando camadas de lama entre aroídeas (hoje aráceas) e espécies de *Amaryllis* chegamos à vegetação do igapó. Diversas plantas de Ciperáceas e de espécies de cana circundam-nos. Árvores delgadas de *Cecropia* erguem-se ao céu por cima de folhagem rala, e, logo quando avançamos vagarosamente por um solo mais sólido de várzea, cingem-nos moitas densas de arbustos muitas vêzes espinhentos. Palmeiras movimentam as suas palmas ao vento, e, aqui e acolá, transpomos troncos de árvores caídos e em decomposição. Ali aparece uma árvore grande e de alto porte, ancorada com sapopemas, e nos cipós, dela pendentes, iguais a *cabos grossos*, trepam enormes *Philodendros*, enquanto que seus galhos crescem frondosamente orquídeas e bromeliáceas. Os olhos enxergam sòmente pouco do encanto de suas flôres; é preciso derrubar as árvores para divisá-las.

Mas os perfumes adocicados de diversas qualidades de flôres nos contornam. Agora é talvez uma grande sumaumeira que distribui, com o vento, a sua paina leve, igual a

[9]Nesta opinião distancio-me conscientemente das idéias que L. Koegel defende seu folheto "Das Urwaldphänomen Amazoniens" ("O fenômeno da floresta virgem da Amazônia") (München, 1914), de um autor ao qual faltam infelizmente quaisquer impressões pessoais e que usa sòmente uma compilação extraordinàriamente laboriosa com base da sua opnião, segundo a qual tôda a floresta do leste não seja um fenômeno geral, mas um "dissonante"(no sentido de Passarge).

flocos de neve. O pé prende-se em cipós, e a roupa rasga-se nos espinhos dos arbustos. Alegramo-nos quando, vencido êste trecho de terreno, atingimos a mata da terra firme, situada num nível mais alto e sendo mais pobre em sub-mata. Aqui andamos por cima de folhada e musgos suaves através do lusco-fusco de árvores folheadas, altíssimas e variegadas, e, enquanto o maior silêncio nos recebe, grandes borboletas de um azul metálico (Mórphídeos) adejam entre os troncos escuros.

Também o *reino animal* da Amazônia deve ser descrito como muito rico. Do navio, porém, o viajante não o vê muito. Acontece que bandos de papagaios, de patos, às vêzes um casal de araras ou uma garça solitária, vôam sôbre o rio, e neste se descobre talvez o dorso áspero de um jacaré ou se notam os pulos alegres de um bôto, mas a mata marginal parece não ter vida animal. Ocorrem efetivamente grandes migrações de borboletas, de maneira que se pode fazer uma boa coleção delas, no próprio convés de um navio transatlântico.

Sòmente à noite, quando a luz das lâmpadas atrai quantidade infinita dos insetos, ganha-se uma idéia da massa de vida animal que a mata abriga. Então quase não se pode defender dos efemerópteros e dos carapanãs, das mariposas noturnas e dos bezouros voadores, e, muitas vêzes também, dos morcêgos. A riqueza em animais superiores, entretanto, conhece-se sórnente penetrando, distante das estradas de tráfego e longe das habitações humanas, nas florestas, acompanhado pelos filhos desta região, acostumados ao mato.

Então pode acontecer encontrar-se mesmo animais de grande porte, ainda em estado paradisíaco, que não conhecem o estampido da espingarda. São formas *sui generis* que se encontram por ali, e um verdadeiro eldorado se abre ao caçador. Não se precisa ter medo de animais vorazes. Os únicos dêles que entram em consideração, a suçuarana e a onça pintada são seres tímidos cujos rastos às vêzes vêm à vista, mas êles mesmos quase nunca são avistados. Em compensação as mucuras deslizam pelas touças, e na ramalhada pulam e trepam os macaquinhos, enquanto tamanduás escondidos são descobertos pelo ôlho do índio. Encontramos os pássaros os mais coloridos e, de vez - em quando, cobras arbóreas lustrosas, nos charcos e lagoas calmos encontramos muitas vêzes centenas de grandes jacarés, que de noite avançam até aos acampamentos.

Estudando mais minuciosamente a fauna de mamíferos, reconhece-se ràpidamente a influência decisiva das condições naturais por sóbre a sua composição. Verdadeiros animais terrestres são notàvelmente raros e consistem ou de formas puras da terra firme, como os tatús de vida noturna, ou são mais ou menos adaptados à vida nos pântanos (anta, caititú, veados pequenos). A grande maioria dos mamíferos, porém, é a dos habitantes das árvores, às vêzes corredores (mucura, tamanduá), às vèzes trepadores e puladores (macacos) ou balançadores (macacos grandes) ou pendentes como as preguiças. E esta adaptação à vida arbórca é acompanhada por outras transformações, dependentes, por sua vez e na maioria dos casos, da alimentação.

Alguns dos pequenos carnívoros, habitantes das árvores, tornaram-se frugívoros e insetívoros típicos, e, entre os macacos, alguns transformaram-se em puros consumidores de fôlhas. Por causa de adaptação secundária, pois, animais filogenèticamente bastante distantes um do outro, chegaram a um *habitus* semelhante e a um modo de viver correspondente. Uma última parte dos mamíferos amazônicos passou à vida puramente aquática. Além de numerosas lontras, grandes são os peixe-bois (*Sirenas*) e os bôtos (*Odontocetos*) que possuem representantes nos numerosos corpos d'água.

Iria demasiadamente longe querendo explicar por extenso como o reino animal se constituiu parcialmente em associações faunísticas, correspondentes aos três níveis da terra e à sua vegetação típica. Mas pelo menos desejo apontar como a flora palustre do igapó, lugar de criação de inúmeros insetos, chama a legião das aves aquáticas e palustres, como os répteis encontram ali uma prêsa rica, e como, por outro lado, a mata da várzea é por sua vez a terra da promissão dos insetos voadores, habitantes das árvores, e como, por isso, todos os insetivoros entre os animais superiores têm predileção por esta zona para nela buscar sua alimentação. Até muitas formigas tornaram-se das árvores, e as aranhas e outras formas aprenderam o mesmo modo de viver. Finalmente, também, as copas da floresta alta da terra firme possuem os seus habitantes, compostos de uma maneira especial e que são, aqui, relativamente bem protegidos contra as ciladas dos caçadores.

Mas queremos falar também do homem da baixada amazônica. É de propósito que vou trata dêste assunto sòmente em último lugar, pois a Amazônia é, de fato um país pobre em gente. Dificilmente adquire-se uma idéia real da densi-

dade extremamente reduzida de população quando não se entrou pessoalmente nas florestas. O estranho que viu sòmente as *cidades*, situadas tôdas na região da terra firme, não acredita nesta escassez.

De fato, aquelas cidades, especialmente Belém do Pará e, ao lado dela, Manaus - seguidas já em maior distância por Iquitos, no Peru - dão uma impressão assás grande. Como em tôdas as cidades mais antigas dos trópicos, reinam, lado a lado, o luxo mais abundante e a ilimitada sujeira, associada à maior pobreza. Os arrabaldes muitas vêzes nem consistem de casas de tijolos, mas de choças de taipa, cobertas de palmas ou, no máximo, de zinco; no centro da cidade, entretanto, encontram-se avenidas bonitas com edifícios pomposos. Aqui, damas elegantes e senhores vestidos de branco passeiam pelas ruas; ali topamos com negros ou índios vestidos de farrapos e crianças nuas da mais baixa camada de mestiços.

O contraste social é agudo, mas a pobreza não parece tão áspera como nas cidades grandes da Europa, pois o calor do clima e as côres do ambiente lhe amenizam a vista. Já em Belém, mais fàcilmente ainda em Manaus, aprende-se a conhecer representantes de todos os elementos da populacão da Amazônia. A camada social superior é formada por brancos, em parte estrangeiros de quase tôdas as nações do mundo, que querem comerciar aqui, em parte nativos, parcialmente dedicados ao comércio e a emprêsas, parcialmente pertencentes à classe dos funcionários e ao pessoal de transporte.

Os domésticos e as camadas inferiores de trabalhadores compõem-se, muitas vêzes, de índios ou, no baixo Amazonas, de negros e de mestiços, entre si ou com brancos, que ocorrem num número muito grande e em todos os graus possíveis de miscigenação. As cidades abriga uma porcentagem considerável da população da Amazônia. Belém, com as suas mais de 100.000 pessoas, Manaus com aproximadamente a metade, compreendem mais ou menos a quinta parte do número total dos habitantes que se avaliam para ambos os gigantescos Estados brasileiros da Amazônia, Pará e Amazonas[12]. Quaudo se indica, para êstes estados, a *densidade da população* como sendo de uma pessoa para 5 quilômetros quadrados, deve-se considerar que aí se incluíram os habitan-

[12]Por êrro, escrito "Manáos" no original. (Nota do tradutor)

tes das cidades. Mesmo êste número muito baixo entretanto, é capaz de suscitar, ainda, idéias erradas. Mas uma porcentagem grande de gente mora em vilas menores e em "pueblos" (lugarejos), muitas vêzes em barracas erguidas em cima de estacas nas beiras dos numerosos rios; é esta a população, na maioria já composta de mestiços, que ainda têm um contato constante com o mundo cultural europeu.

o *hinterland* extensíssimo, porém, é quase vazio de gente. Bem no fundo das florestas, em cursos solitários de rios, vivem ainda tribus: de índios brabos, dos quais muitas vêzes pouco sabemos, e conduzem a sua vida primitiva de pescadores e caçadores. Muitas delas são difamadas como malignas e mal afamadas como canibais, mas é muitas vêzes difícil constatar quem seja mais cruel, o indígena que ganha àrduamente a sua vida na selva solitária, se alimenta dos animais da água e das matas e faz sòrnente uma agricultura muito reduzida, ou o chamado homem de cultura que penetra em tôda parte onde as selvas possuem seringueiras, e, por causa da caça ao ouro negro das florestas, não dá valor à vida dos índios bravios.

Um pesquisador pode-se perguntar sèriamente: será que o homem reina na Amazônia, ou será que a terra governa o homem? A maioria dos fenômenos no modo de viver dos habitantes, nas comunicações e nas instituições jurídicas e sociais tornam-se certamente compreensíveis sórnente pela influência obrigatória da terra sôbre os homens. Já o que sabemos com segurança da história do povoamento da Amazônia indica êste fato, e a subdivisão política no presente é ainda um indício nítido do mesmo. O homem branco não veio, na primeira vez, através das partes orientais da planície que nos parecem hoje como sendo a porta da entrada natural para a subida à região ocidental, mas nela penetrou partindo do oeste, transpondo a Cordilheira. Conquistadores espanhóis trouxeram ao gigantesco rio fluindo oeste-leste sob Equador.

A viagem aventureira de Francisco Orellana (1541 - 42), dos Andes ao Aceano Atlântico, significa o início da verdadeira história da Amazônia. O que fica mais para trás, pode-se deduzir sòmente de fontes indiretas. Era muito mais fácil deixar-se arrastar pelo fluxo do caudaloso rio, para jusante, em direção ao oceano, do que lutar penosamente rio acima contra a correnteza. Sòmente o comêço da navegação a vapor

venceu estas dificuldades. A fronteira lingüística espanhola-portuguêsa, que se estende pelo meio da Amazônia, permanece, porém, ainda no presente, um documento para a história do seu descobrimento.

Ao povoamento, partindo do oeste, juntou-se, paulatinamente, um outro que veio subindo do leste. A parte superior da planície pertence aos estados do Pacífico: Colômbia, Equador e Peru; um canto pequeno que avança em direção ao sul, faz parte do país mediterrâneo da Bolívia. Todos êstes estados pertencem à região linguística, espanhola. A parte leonina da Amazônia, porém, possui o Brasil, de língua portuguesa. A fronteira lingüística, aliás, não é sòrnente uma separação política, mas, ao mesmo tempo, um limite para o comércio. O que se exporta da região brasileira aos países de língua castelhana é mínimo, e também o retôrno quase não é digno de menção.

Mercadorias européias e norte-americanas exportam-se diretamente a Iquitos, na Província de Loreto, e os produtos do pais, mormente borracha, passam no rio e no Atlântico diretamente para a Europa, sem tocar terras brasileiras. Altas barreiras alfandegárias e uma profunda aversão entre os crioulos espanhóis e os brasileiros acrescem mais motivos ao alheiamento artificial das duas regiões.

No sentido de uma consideração econômica natural, a Amazônia seria uma unidade realissima, porém, de fato e na verdade, ela é justamente o contrário. Fica-se assombrado em saber que o Peru tem que mandar a sua mala de encomendas, destinada a Loreto, numa viagem de meses via Panamá, Barbados e o Rio Amazonas, ou que, para um funcionário público, destinado de Lima para Iquitos, parece mais cômodo chegar à sede de suas atividades através dos Estreitos de Magalhães, via Rio de Janeiro e Pará, em vez de fazer a viagem transpondo os Andes.

Mas também a *população indigena* ganha, sob o ponto de vista a influência pelas condições naturais da terra, uma compreensão esclarecedora. Êste fato vale especialmente para o modo de viver e das habitações da mesma. As tribos de índios intatas localizam-se ainda, hoje, na maioria, nas partes periféricas da Hiléia; ali, onde a penetração é difícil para o branco, elas se mantêm pouco influenciadas pelo homem civilizado. Mas foi sòmente em parte que elas foram rechaçadas para ali. Porque as tribos que moraram ao longo dos rios maiores, foram, na maioria, dizimadas e dissolvidas ou cristianizadas e, destarte, são hoje mais ou menos servidoras

dos brancos. Vagarosamente aceitaram roupa e armas do homem branco e aprenderam, dêle, ao mesmo tempo também, os vícios.

Já sabemos há tempo, que não há nem houve, entre os índios da Amazônia, maiores nações uniformes. Ao contrário, a população castanho-acobreada permaneceu sempre no estado tribal. Zonas restritas, ao longo de um rio, foram e são a área de habitação de uma tribo. E, mais ainda, consta o fato que as tribos distinguem-se, uma da outra, pelas suas línguas, e isso muitas vêzes bem extraordinàriamente. Acontece que tribos imediatamente vizinhas pertencem a famílias lingüísticas completamente diferentes. Êste fato indica, de um lado, comunicações muito deficientes, e é mesmo bom imaginar-se que uma tribo fica geralmente sedentária numa região fluvial definida (dentro do perímetro da mesma, ela naturalmente não fica prêsa a um único lugar, mas muda, provàvelmente sob a influência das estações do ano, o sitio da sua atividade especial de caçadores e pescadores) .

Por outro lado, a heterogeneídade das línguas parece demonstrar maiores deslocamentos, e surge a questão de como estas possam ter-se realizado. É claro, agora, que sòmente a via aquática deve ser tomada em consideração para o processo do povoamento. Mas ocorreu o mesmo contra ou a favor da correnteza dos rios?

Para mim não há dúvida que em geral sòmente esta última reta, quer dizer, o povoamento partindo da periferia, era possível. Que dificuldades tem, ainda hoje, o homem branco, quando deseja penetrar numa zona fluvial partindo de jusante, onde cachoeiras lhe impedem a entrada com navios a vapor! Também lhe resta, então, sòmente a ubá, e êle tem que aprender dos índios como construí-la. Vencer com a montaria grandes extensões, rio acima, é matéria que custa um tempo extraordinário e que oferece perigos variados. Um tráfego comercial mais intenso é desta forma totalmente impossível. Sòmente vindo da periferia para o centro, é que a população indígena da Amazônia pode ter-se expandido, e a êste fato corresponde justamente àquela fragmentação e ao entrelaçamento de componentes bem heterogêneos. Quando novas hordas chegaram à região, partindo das zonas limítrofes, elas terão descido os rios em balsas primitivas ou em ubás. Onde elas encontraram trechos de rios já habitados, é provável que passaram para se localizar mais rio abaixo.

Êste processo ter-se-á repetido por diversas vêzes, e um reflexo moderno destas condições é o avanço de proeminências de uma série de estados do Pacifico para dentro da região amazônica, como hoje se verifica na subdivisão política.

As mencionadas relações entre floresta e água, e o modo de povoamento pelohornem oferecem um interèsse mais geral. Elas até podem contribuir para a compreensão da pré-história do nosso próprio povo. Também as baixadas da Alemanha formaram antigamente uma enorme área florestada. É fato que as condições climáticas eram diferentes. Mas também ali, a via aquática terá tido alta significação como caminho de expansão e como fonte de mistura, pois as florestas virgens são, em tôda parte, inóspitas e hostis, e é difícil alimentar-se nelas. Um povo supera o grau tribal sòmente pela agricultura.

Esta, porém, é conhecida pelos índios amazônicos sòmente nos seus primeiríssimos comêços. Embora as tribos de pescadores saibam capturar magistralmente, com o arpão, o pirarucú grande e lendário (*Arapaima gigas*) - um peixe semelhante ao salmão - ou matar grandes tartarugas aquáticas ou um peixe-boi, e as tribos mais peritas na caça dominem tão bem o arco e a flecha, a zarabatana e a azagaia de pau, à agricultura elas não ligam muito. Um número de pés de mandioca na vizinhança das casas é, via de regra, o seu único testemunho. E os jesuítas, que se esforçaram, há dois séculos, a tornar o índio um homem sedentário e um agricultor, colheram pouco sucesso. Veremos, ainda, como o próprio homem branco, em muitos lugares, não educou o índio para o trabalho de mãos calosas, mas como êle aceitou do índio o desprezo pela atividade agrícola.

O povoamento da Amazônia, que partiu das zonas periféricas, teve como conseqüência naturalmente forçosa de abrir primeiramente o acesso aos rios maiores. Hoje, temos conhecimentos bastante exatos de quase todos êles. As florestas dos menores rios; entretanto, abrigam ainda áreas bem notáveis de *terras incógnita* na Amazônia. Um progresso surgiu ali sòmente bem vagarosamente no correr do tempo. Muitos cursos de rios menores nos são, hoje ainda, completamente vedados, porque índios bravios, com armas de madeira - pois minérios e pedras não existiam - repelem o intruso que lutar bastante contra as dificuldades naturais do transporte, êle geralmente desiste logo das suas tentativas e se consola com o fato que, ao redor, existe mais

do que o suficiente de terras florestadas sem dono. Também estas zonas desconhecidas não permanecerão mais, porém, neste estado por muito tempo.

Talvez o homem branco force a sua entrada mais fàcilmente pela via aérea do que na canoa balançando na superfície dos rios. Para o aviador, a Amazônia tornar-se-á uma região promissora de atividades, e quem sabe já dentro de breve hidroaviões trarão, para os problemas das comunicações da Amazônia, a eliminação de numerosas dificuldades contra as quais não há, atualmente, qualquer outro meio de vencer senão aquêle de se armar com muita paciência.

Quantas vêzes não ocorre que os *gaiolas* menores que, em tôda parte, intermediam o tráfego nos rios e que, na maioria dos casos, pertencem às grande firmas de borracha nas cidades, encalham com a vasante num banco de areia e se tornam outra vez livres sómente depois de muitas semanas ou meses quando começa a nova enchente. Tais acontecimentos devem ser sempre levados em consideração pelo comércio e contribuem para o encarecimento, no país, das condições de preços, já por si completamente extraordinários.

Queremos agora dirigir a nossa atenção igualmente à população mestiça, pois também ela oferece uma elucidação instrutiva sôbre o fato de como as condições externas forçam o homem à adaptação. Não considerarei, por ora, o baixo Amazonas. No resto da região, entretanto, o povo de mestiços apoiado por índios cristianizados e por alguns brancos audaciosos e, não muito raramente, também depravados, que aqui procuram esquecimento da justiça da Europa ou da própria consciência, concentrou-se tanto no serviço de uma tarefa que, pela mesma, se explicam seus os conceitos sociais e todo seu modo de vida. Êles fornecem o exército dos seringueiros, o qual, com o início da estação sêca e a bordo de pequenos navios a vapor, invade as zonas florestadas.

Um local central chamado seringal, dispersa-os para postos menores na selva, onde cada homem recebe alguns quilômetros quadrados de mata como área de trabalho. Aqui, o seringueiro constrói para si uma pequena choça de palha, e dia a dia, com a espingarda sôbre o ombro, percorre em trilhas por êle mesmo cortadas com terçado, um setor extenso da floresta. As seringueiras (*Hevea brasiliensis*), que se encontram aqui são sangradas por um golpe da machadinha e, no dia seguinte, recolhe-se a seiva leitosa que sai da ferida da árvore e a qual se coletou em pequenas tigelinhas de fôlha de flandres, embutidas na casca. Derramado num

vasilhame portátil, também de fôlha de flandres, o seringueiro carrega, numa marcha de muitas horas, a sua colheita do dia para a barraca na qual o látex ainda deve ser coagulado por meio duma defumação. Esta se faz em cima de uma fogueira fumeganfle à qual se adicionam certos frutos contendo álcali, derramando-se lentamente o látex sôbre uma vara de pau sempre volteada na fumaça. Assim forma-se uma esfera de borracha marron, a "bola", a qual dentro de algumas semanas ganha um pêso notável.

Cada quatro semanas se faz a entrega das bolas no seringal. É um trabalho solitário e penoso, mas bastante lucrativo, permitindo ao seringueiro possuir, depois dum período de colheita, tanto saldo na casa comercial de borracha, na cidade, que êle pode passar ali a estação chuvosa nada fazendo ou, então, mais freqüentemente, supondo poder continuar a viver dêste modo, contrai tantas dívidas que gasta uma parte dos seus lucros futuros. O povo de mestiços é, aliás, vaidoso e fanfarrão, querendo na cidade ser igual aos senhores e vive então bem acima das suas possibilidades. Formam-se, dêste modo, condições bem pouco saudáveis.

O trabalho no mato é pesado e consome tempo; mesmo dois ou três seringueiros, vivendo juntos, não têm o tempo suficiente para a agricultura, muitas vêzes nem para o preparo das refeições, pois os dias possuem somente 12 horas. É por isso compreensível que o seringueiro procure ajuda. Na maioria dos casos a encontra numa companheira, uma mulher mestiça que vai com êle ao mato. Um matrimônio nitidamente estacional, que é usual, desenvolveu-se desta situação. A mulher cozinha, planta algumas bananeiras e alguns pés de mandioca, lava a roupa e pare. Com o fim de um ou de alguns períodos de colheita, também o matrimônio é em geral dissolvido; tal é freqüentemente o costume usual no país. As crianças usam o nome do pai mas permanecem com a mãe na qual não fica nenhum estigma, mesmo tendo ela numerosos filhos com sobrenomes bem diferentes. Desta forma, a vida nômade do seringueiro torna-se, sob a influência da natureza amazônica, uma fonte para relações matrimoniais muito singulares, tais que não deixam surgir uma vida familiar duradoura e contribuem assim para modificar o caráter do povo pior.

Os índios são, neste ponto de vista, sêres mais dignos, e dão muito mais importância à fidelidade matrimonial e à pureza da raça. Provàvelmente foi do povo mestiço que até

partes da camada superior adotaram costumes matrimoniais semelhantes e distinguem bem entre o casamento feito pela igreja, o que se encontra geralmente talvez mais raramente, e a companheira escolhida, com a qual pactuaram, por assim dizer, um casamento com aviso de despedida. A igreja se conformou com êste estado das coisas; sua influência não é demasiadamente grande na Amazônia.

Um clero secular, muitas vêzes corrupto, combina bem com a camada social superior da casta que manobra o regime político, que em geral tem pendores, superficiais e está interessada numa vida boa e cômoda. Respeito altamente, no entanto, os padres católicos que, cheios de espírito de renúncia, postos distantes no mato para a missão de catequese dos índios. Êles sujeitam-se às maiores fadigas e recolhem, desmerecidamente, pouco reconhecimento. O clero local e o comércio que educa o povo para necessidades desacostumadas, dificultam-lhes a tarefa talvez mais do que faz a indolência dos índios em geral, talvez precoces mas, na juventude, sem dúvida, dispostos a aprender e inteligentes.

No baixo Amazonas existem começos promissores de uma *atividade agrícola* exclusivamente da qual pode resultar um futuro desenvolvimento sadio da Amazônia. Em trechos consideráveis derrubou-se a mata virgem e aproveitam-se os campos naturais para a pecuária. Há, entretanto, grandes dificuldades. Numerosas doenças dizimam os rebanhos de gado e de cavalos, que não se compõem de raças escolhidas e experimentadas mas de uma mescla *sui generis* de animais importados de todos os países possíveis. Muitas cabeças também morrem afogadas quando a enchente anual, perigosa, invade os campos. As habitações das fazendas são erigidas, pois, quase sempre, em cima de estacas.

Os produtos da criação são bem pagos nas cidades. Especialmente o gado vacum é muito procurado como carne fresca. No alto Amazonas, o gado vem de balsas da região dos Andes, descendo o Amazonas para as cidades e a elas chega, na maioria dos casos, em estado de grande emagrecimento. As maiores dificuldades, para a pecuária como para a agricultura, onde ela se exerce numa escala um pouco maior, são causadas em tôda parte pelo problema da mão-de-obra.

Tôdas as plantações de cana-de-açúcar e de cacaueiros que ali se iniciam, dependem, para sua sorte, da solução dêste problema, que é intimamente ligado com a "epidemia" da borracha. Ela fêz os salários subir para cifras exorbitantes,

afastou inúmeras pessoas da atividade e do trabalho constantes, provocou a paixão de gôzo no trabalhador estacional, e disseminou, de modo inimaginado, o consumo da cachaça.

Será difícil conduzir êste povo de mestiços, que não é absolutamente indisposto a aprender, paulatinamente, a caminhos mais sadios. O maior melhoramento conseguiu-se no, baixo Amazonas com fazendeiros europeus que adotam meios radicais, impedem qualquer fornecimento de cachaça, constróem, para os trabalhadores, casas boas e arrumadas e educam devagar a mescla de negros, índios e brancos a qual é aqui, às vêzes, completamente indefinível.

Talvez o Amazonas estivesse hoje mais adiantado se houvessem deixado os missionários das ordens religiosas que já atuaram aqui há 200 anos, continuar a trabalhar sem perturbação. Está indiscutivelmente comprovado que, naquele tempo, era ensinada uma atividade agrícola,mais intensa, a muitas tribos de índios, as quais hoje, não mais dão a conhecer muito dessa atividade. Em vez disso, apagaram-se princípios sadios com palavras demagógicas, e, quando hoje a camada social superior se orgulha da sua "liberdade", esta espécie de liberdade não prestou, na realidade, um bom serviço ao país.

Sob esta senha estendeu-se a cultura da cachaça, sob cujo regime se desenvolveu um sistema de arbitrariedade e de descomedimento, sob o qual especialmente o índio brabo tem que sofrer. Também a Europa carregou-se de pesada culpa pela sua avidez pela borracha. Ainda os horrores do Putumayo, dos quais os jornais, faz alguns anos, deram notícias e que constaram no fato de que hordas aventureiras de mulatos, negros e índios depravados mataram milhares de índios para desvendar uma nova e rica zona de borracha, pertencem, em última linha, à conta de culpas de uma sociedade inglêsa importadora de borracha.

Êste fato foi denunciado para todos os tempos, por Sir Roger Casement, o lutador audacioso pela Irlanda, como consul geral inglês em Loreto, corn uma coragem que sòmente resulta do reconhecimento da verdade. Quem promete prêmios para um certo número de bolas de borracha e manda negros barbadinos à selva, armando-os bem antes e instigando-os fortemente, não deve estranhar que então aconteçam coisas que não gostam de ouvir.

Que pode conseguir um comando policial ou um pequeno grupo militar nestas florestas imensas? Não penso grande coisa da missão cultural do comércio, em países não desbra-

vados a menos que seja simultâneamente dirigida por fortes pontos de vista éticos. O homem singular pode querer o melhor; o sistema, porém, é um perigo pesado. Em certos outros países tropicais, a situação deve ser semelhante.

O nosso relatório termina com a menção de uma segunda Amazônia. A primeira - eu a descrevi extensamente - é um país maravilhoso e harmônico que se aprende a compreender, pela inteligência e pelos sentimentos. Com esta Amazônia combinam bem os rios grandes sem margens, as florestas silenciosas e não cruzadas por estradas, combina bem o índio sério mas fiel, com a sua ubá e o seu arpão. Esta região possui raça e vida próprias.

A outra Amazônia, com os seus palácios modernos nas cidades grandes, com as suas mercadorias vistosas mas sem valor e de mau gôsto e as suas formas de govêrno importadas da Europa e que não evoluíram, nas suas significações, correspondentes às condições regionais mas baseiam-se em efeitos de pura vanglória, ficou estranha ao meu íntimo. Traços de uma adaptação às condições naturais podem-se reconhecer, mas infelizmente são apenas início de um equilíbrio. Esta Amazônia quer ser uma filial da cultura da Europa mas parece mais ou menos uma caricatura. É a Amazônia da cultura da cachaça e das fólhas de zinco, e a influência dela não pode conduzir, nas trilhas escolhidas, à bênção.

O tempo nôvo que está germinando, tem o grande dever e a tarefa de trazer cultura às regiões coloniais - entre as quais se deve contar também a Amazônia, mesmo pertencendo ela já a Estados autônomos - num modo diferente daquele de até então. O caminho passa sòmente por uma completa compreensão dêstes países e pelo reconhecimento da alma que lhes é própria, e o alvo não é nenhum outro senão o de um sábio professor e de um educador compreensivo.

RESUMO

O autor faz análise e interpretação da região amazônica sob o ponto de vista ecológico. Salienta a ligação íntima da natureza não viva com o mundo de organismos, do ser vivo mais minúsculo ao modo de viver do homem. Essa ligação harmônica êle demonstra nos fatôres inorgânicos: vento, planície, água e floresta. Descreve os traços característicos do reino animal e como èste é influenciado pelos fatôres anteriores. Dedica-se ao estudo do homem influenciado em seu modo de ser, pelo meio-ambiente. E por último, destaca duas Amazônias: a primeira é a que êle chama de país maravilhoso e harmônico, que se compreende pela inteligência e sentimento. Esta Amazônia combina bem com os rios grandes, com as florestas e com o índio, possuindo raça e vida próprias. A segunda Amazônia é a da civilização importada, com suas cidades grandes, seus palácios, suas formas de govêrno, sob modêlo europeu. Com alguns traços de adaptação às condições naturais, a segunda Amazônia ainda se encontra longe do equilíbrio desejável.

SUMMARY

The author of the present survey does an analisís of the Amazonic Region, In which he stresses the deep connection between the nature not alive and the world of organism, from the most insignificant animal, to its reflexion on mankind behavior.

He emphasizes the harmonious alliance among the innorganic: wind, plans, water and forest. He describes the principal characteristics of the animal kingdom and how they act under the influence of nature.

He gives an special attention to the region's inhabitants studying the influences suffered by this one, regarding his life ambient.

The author ends his work by detaching two different Amazonias: the first one, he calls an harmonic and wonderful country, where the understanding can only be possible if looked through the eyes of inteligence and love. Large rivers, jungle and aborigenes, having proper life, makes up their own livelyhood.

The second Amazonia is the one with an imported civilization, as we can see in the manners of the people in their larger cities, with an european influence on government conduct. Far away from a desirable ballance, the second Amazonia is still very much appart from the first one.

CADERNOS DA AMAZÔNIA

Coordenação de LEANDRO TOCANTINS

1 - HANS BLUNTSHLI - "A Amazônia como um Organismo Harmônico" - Tradução e Prefácio de Harald Sioll - Revisão de Arthur Nelva e Nunes Pereira.

2 - FRITZ L. ACKERMANN - "Flsiografia e Geologia da Região Bragantina" - Prefácio de Glycon de Paiva.

3 - MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO - "O Sacado" - (Um fenômeno de morfodinámica fluvial).

4 - DJALMA BATISTA - Sôbre a Habilitabilidade da Amazônia.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura